

NATALIA BORGES POLESSO

Controle

Copyright © 2019 by Natalia Borges Polesso

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Mateus Valadares

Foto de capa

Sem título (1880), de Henri Fantin-Latour (Grenoble, 1836 - Buré, 1904), óleo sobre tela, 50,8 x 61,9 cm. Cortesia de S. Dillon, 1997 — Metropolitan Museum of Arts. Reprodução de Josse/ Bridgeman Images/ Fotoarena.

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Marina Nogueira

Valquíria Della Pozza

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Polesso, Natalia Borges.

Controle / Natalia Borges Polesso. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3224-9

1. Ficção brasileira I. Título.

19-24866

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Desordem, 7
Segunda-feira triste, 14
Movimento, 23
Poder, corrupção e mentiras, 37
Substância, 61
Irmandade, 78
Bizarro triângulo, 96
Técnica, 113
Interlúdio, 128
Prepare-se, 132
Singularidade, 140
Prazeres desconhecidos, 157

Desordem

— Aposto que chego antes.

Eu meti o pé e não quis nem saber. A cestinha da bicicleta batia e batia no metal do guidão. Naquela parte da ciclovia, as raízes das árvores criavam uma série de elevações que a gente sempre encarava como um desafio, lembro bem. Desviar das rachaduras do asfalto, com a graminha que crescia plena dentro da pedra e as flores pequenas e amarelas que brotavam no meio daquilo tudo. Dente-de-leão. Parece que vai ser uma coisa dura. Dente-de-leão. Te rasga. Mastiga teu corpo. Mas nem é. Sopra e pede alguma coisa. Tipo um desejo. As coisinhas brancas voam. Não tem como acompanhar. Não tem como agarrar. São desejos jogados no mundo, sem controle. São os dentes. Só se prendem no piche recém-derramado. Deixei o picolé cair. Derreteu. A mão, concentrada em dominar a velocidade, não dominou o palito. A Joana olhou pra trás rindo, foi diminuindo a velocidade até que parou. Parei também, plantando o tênis no chão e arrastando a roda traseira.

— Que foi?

— Tu derrubou nosso picolé!
— Tu apostou que chegava antes!
— Mas era o nosso picolé! Na próxima semana tu paga de novo.

Esquecemos a corrida. Sentávamos à sombra de uma daquelas árvores para nos atualizarmos das histórias do colégio, pra combinar a nova desculpa que nos faria não ir à apresentação do coro, pra falar de quem estava com quem, quem tinha terminado com quem, e do que apresentaríamos na feira de ciências já que fomos proibidas de abrir um sapo. Sentávamos sempre ali na beira da rua que dava pra minha casa, para imaginar nossas vidas em dez, vinte anos. Até aqui, quem sabe. Quando eu vivo ou morro. Quando meu corpo acolhe o desentendimento. Eu não queria. Além de ter dó, eu tinha medo. Mas ela ficou fissurada na ideia de abrir o sapo pra ver o corpo por dentro, abrir o sapo vivo e ver por dentro. Sugeri que falássemos dos efeitos das drogas, do perigo das drogas. Um cartaz na parede da escola, com uma mão estatelada na nossa cara, avisava: NÃO! Assistimos *Christiane F.* na aula e a professora de inglês queria saber se a turma tinha dúvidas sobre sexo e drogas e masturbação. Ela falou masturbação e ninguém teve coragem de perguntar nada. Eu não tive. A Joana riu e me perguntou onde conseguiríamos drogas. Eu falei que a gente podia fazer uma pesquisa só sobre os perigos. Ela me bateu no ombro.

— Qual é a graça?

A graça é que eu vivo.

Mas, naquele tempo, tínhamos doze, treze anos. Não fazíamos a menor ideia de como era o mundo fora do nosso próprio mundo. Não pensávamos em morrer. Não pensávamos na degradação. A professora falou sobre a degradação do corpo, sobre sua usurpação, no filme. Não tenho certeza se naquele momento poderíamos saber.

- Dorme lá em casa?
- Dorme tu lá em casa!
- Pode ser.

Nas nossas noites, inventávamos manifestos, declarávamos nossas vontades e fomes de cidades e trabalhos e carreiras e tantas coisas. Nas nossas noites escassas, no depois, as manifestações eram outras, mínimas. *I've been waiting for a guide to come and take me by the hand* eu pedia a mão da Joana, ao mesmo tempo que não oferecia nada. Mas o espírito da guria aventureira estava ali, mesmo no depois.

- Aposto que termino antes que vocês.

Eu disse pro meu pai e pra minha mãe. E nos separamos no supermercado, peguei o que eu podia pegar com a quantia que me deram. Um pacote de bolachas e um vidro de azeitonas. Voltei para a fila do caixa e não os vi mais. Entrei em pânico. Sempre me passava pela cabeça que em algum momento me abandonariam. E se não estivessem ali? Percorri os corredores com olhos atentos e não os achei. Falei com um atendente e ele me levou pra uma salinha toda de vidro, no andar de cima do supermercado. Não avistei meus pais. Então ele amigavelmente sugeriu que anunciássemos no microfone do supermercado: “Sr. Mariano e sra. Sônia, sua filha Maria Fernanda está na sala da gerência aguardando vocês”. Meus pais apareceram logo, meio rindo, meio sem jeito. Eu tinha amado que meu nome tinha sido anunciado num microfone, para todo o supermercado ouvir. Era como se eu fosse gigante e pequena ao mesmo tempo, pensei.

— Nunca vi criança gostar de azeitona — observou o gerente.

- Pois é, nunca vi, ela adora!

O gerente esfregou a mão na minha cabeça e me deu um balão com um cifrão desenhado. Eu sorri. Gostava de tanta coisa. Tanta coisa simples e besta.

— Aposto que beijo antes.

Teve aquela vez que todo mundo se juntou no Alexandre, acho até que era aniversário dele. A foto é ótima. Será que tá na minha gaveta ainda? A gente beijou um menino, contra um imenso de um ipê-amarelo. O mesmo menino. E saímos correndo pra dançar lá dentro, na sala, onde os pais desse menino fingiam não prestar atenção na gente. Não lembro o nome dele. Fábio. Carlos. Juan. Lucas. João. Depois dançamos. Eu tinha inventado uma dança louca, coisa de criança-adolescente. *Take a walk on the wild side* todo mundo imitava. Um pulo, joelhos dobrados, e deixava o peso do meu corpo fazer o movimento. A Joana nas minhas costas e a gente balançava a cabeça de um lado para outro na hora do *doo doo doo doo*, nuças coladas, braços pra cima e depois para baixo, onde nossas mãos, naquela altura, já meio sem graça, embaraçavam e desembaraçavam. E dançamos mais algumas vezes assim, de costas uma para a outra.

— Aposto que todos vão trepar.

O cara disse aquilo tão alto que metade do cinema virou a cabeça ao mesmo tempo. Afundou na poltrona. O Davi meteu a mão na coxa do Alexandre e pediu uma bala. O Alexandre deu um pulo e o Davi pediu que ele se acalmasse.

— Tô calmo.

Meus olhos dançaram para fora da tela e se penduraram no barulho do pacote de pipoca vazio que a Joana apertava. No fim da noite, o Alexandre disse que ia ser pai, disse como se não fosse nada de mais.

— Aposto que subo mais rápido.

E subiu a escada da casa dela correndo. Eu atrás, nem esforço fiz. Porque eu já não podia mais nada. Pernas estranhas que já não dançavam ou corriam, pernas que sustentavam um tronco corcunda, pra dentro de si, como se a fome fosse comer-se a si mesma. Foi logo no começo, eu ficava assustada com tudo,

qualquer susto, tremor interno, sismo, qualquer coisa que deixasse o peito mais arisco, eu não podia. Joana puxou o meu blusão azul de lã, que eu amava. Puxou e deixou como uma sacola velha de feira. Depois pediu desculpas. Desculpas não recosturariam meu blusão esbodegado. Desculpas não trariam de volta meu corpo sequestrado para dentro. Naquela noite ela me disse que às vezes, sabe, às vezes fazia umas coisas e que era bom, disse que usava as mãos e que tinha descoberto meio sem querer, e eu disse que fazia também, meio sem saber do que ela falava, e ninguém disse nenhuma palavra além daquelas. Assistimos a um filme e ficamos chocadas. O Davi nos fez jurar que não contaríamos pra ninguém que ele tinha feito e nos emprestado uma cópia pirata de *Kids*. Joana deitada nas minhas pernas.

— Aposto que ele consegue.

Na aula de técnicas agrícolas, fomos visitar uma feira. Nenhum de nós disfarçou o riso quando o Alexandre, atrás do professor, colocou uma cenoura dentro das calças. Naquela mesma manhã nós quatro, Alexandre, Davi, Joana e eu, roubamos uma caixa de morangos e comemos escondidos, atrás do muro da biblioteca. Comemos de boca cheia. Depois ficamos jogando futebol no campinho da escola até tarde, sem nos importarmos com o que nossos pais poderiam pensar. Era uma cidade pequena, parada. Nossa correria criava todo o movimento.

— Aposto que entro primeiro.

Mas a internet não conectava. Recebi as mensagens do Antônio muito tempo depois. Mensagens antigas com inquietações que já estavam resolvidas ou resignadas. É estranho que o tempo das preocupações possa ser desordenado assim. Que elas desçam e se instalem nas curvas do nosso intestino mais que na nossa cabeça. Mas quando estamos separados, cindidos de nós, quando eu não sei dos meus desejos imediatos, como posso entender a urgência do outro?

— Aposto que eu chego antes.

Puxei a Joana pelo cinto e na volta do impulso ela torceu meu braço. Eu girei para o outro lado, e caímos sentadas. Mordi a língua. Nada de mais, era só o início de algo que sempre levávamos até o ponto de uma de nós gritar “misericórdia”. Enquanto eu levantava uma das mãos para tirá-la de cima de mim, empurrando bem no meio do peito, a outra viajou rápido demais até o olho de Joana.

— Tu me deu um soco! Não vale!

— Nunca! Foi sem querer.

Não tinha problema, o riso permeava tudo. O olho e o soco. E a Joana tinha uns olhos grandes, pra caber todas as coisas que ela desejava, dizia isso. A boca também era grande, tinha uns lábios projetados pra fora, pra frente, uns lábios cheios de sangue e vontade. Eu ganhei uma escaleta e dei pra Joana, porque eu era muito ruim e não me interessava nada tocar uma escaleta. Eu gostava de violão, mas foi a Joana que aprendeu a tocar as músicas que todos gostavam. E foi a Joana que aprendeu a tocar em coisas que eu não gostava.

— Aposto que tu não vai chegar na hora.

Ela convenceu meus pais que tudo bem eu ir ao piquenique no parque. Foi um dia bonito. E chegamos antes de todo mundo pra aproveitar um pouco do dia e do silêncio que mais tarde seria invadido por notas tortas de um violão desafinado e vozes bêbadas de amigos e amigos de amigos.

— Aposto que tu não termina.

A cerveja estava mesmo quente e não deu pra terminar a garrafa, mas o copo servido, eu bebi por decência e companheirismo. Depois abandonei a garrafa e o Davi na mesa. Abandonei caminhos e deixei que os desejos escapassem. Abandonei meu corpo. Eu precisava pensar em muitas coisas. Precisava e queria ficar sozinha. Minha cabeça era tudo o que existia. Sentei num

murinho na frente de um terreno baldio. Não tinha mais muitos terrenos sem prédios no centro, menos ainda sem nada. Sentei e fiquei olhando o movimento dos carros, as pessoas atravessando a cidade, crianças correndo sem medo de se esborrachar. Cabeça vazando, cheia, sempre cheia.

— Aposto que nasce hoje!

Passou as duas mãos na barriga, apertou os lábios e mexeu a cabeça em afirmativa. Tinha sido uma noite bem agitada. Meu pai perguntou se ela estava sentindo alguma coisa. Levantou pra pegar água e depois perguntou se deveria abrir a loja. Minha mãe respondeu que achava melhor dar uns minutos, pra ela ter certeza.

E teve.

Cheguei antes do esperado.